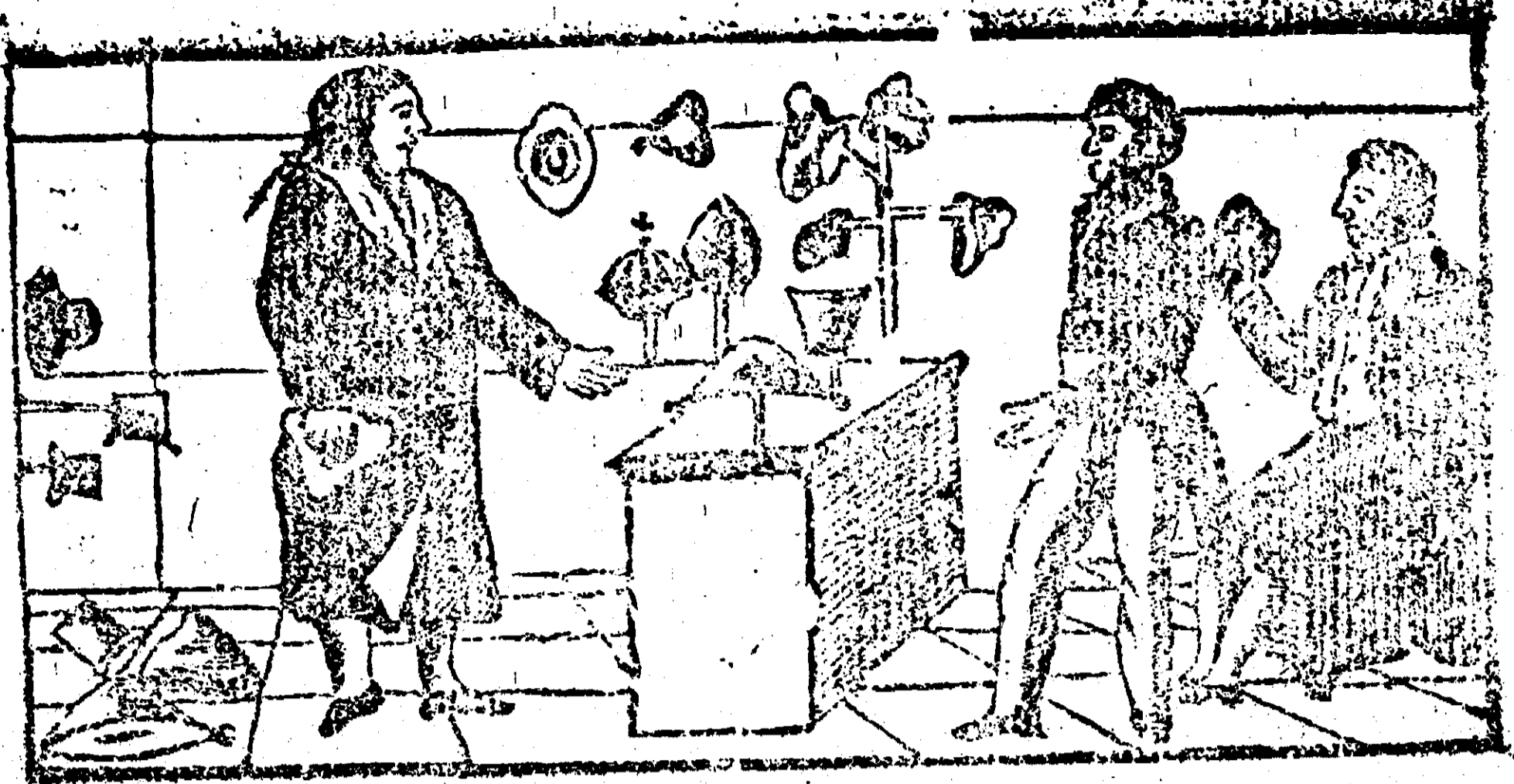


O
CARAPUCEIRO

11 DE ABRIL
DE 1840



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novere libelli
Percere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

Enthusiasmo, Fanatismo, Superstição.

Estes são os vocabulos, de que mais estranhamente tem abusado os decantados Philosophantes. Se cremos a estes Srs., o enthusiasmo, o fanatismo, a superstição, tão funestos ao genero humano, são consequencias necessarias do espirito religioso; e assim procurão infamar todo o zelo, todo o sentimento de Religião, qualificando-os por fanatismo, dando o nome de superstição a toda pratica religiosa, e chamando sabedoria tão somente á indifferença, ou ao desprezo de todo, e qualquer Culto. Esta tactica de correr a esponja a todas as Religiões positivas pareceo tanto mais commoda, quanto se imaginou, que com generalidade podia-se dispensar toda a discussão seria, e que vãs declamações suprião o raciocinio, e as provas. Mas as ideias religiosas são objectos tão importantes á felicidade commum, e individual, que muito releva descorti-

nar o erro, e perigo de taes opiniões, alias tão vulgarisadas; e tal he a tarefa, que hoje me proponho. Desmascarando porém a impiedade, que tudo pretende destruir, eu me explicarei francamente sobr'essa falsa Theologia, que quer conservar tudo até os abusos, não mettendo no escuro os grandes serviços, que a verdadeira Philosophia fez á humanidade, e á mesma Religião.

Quem não quizera banir sempre da sociedade o cego enthusiasmo, o fanatismo, e a superstição? Mas atrevo-me a sustentar, que o enthusiasmo não pode ser hum mal por si mesmo; que o fanatismo não he huma paixão exclusivamente ligada ás ideias religiosas; que a religiosidade não he superstição, e que esta mesma he menos perigosa, que a incredulidade.

Na verdade o que he o enthusiasmo em geral? Hum transporte secreto d'alma: e sem este accaso poderia o homem romper os abastaculos, arrostar os perigos, vencer as difficuldades, e recuar nas occasiões decisivas, e com tan-

to calor os limites do possível moral, sempre tão estreito para as almas comuns, ou ordinarias? Se há hum enthusiasmo para o poeta, só não o haverá para o homem virtuoso, para o heroe, para o grande homem? A fria razão só por si nunca produzio grandes cousas. Se as paixões muito lhe devem; porque ella as dirige, e modera, tambem deve muito ás paixões, que a despertão, e exaltão. Querer sufocar nos povos todo o enthusiasmo seria pretender estabelecer entre elles o imperio da morte.

Há sem duvida hum enthusiasmo vago, que os bons espiritos não podem applaudir, e vem a ser; aquelle, que tem por principio huma forte persuasão esquentada por hum zelo despido de todo o motivo de convicção. O homem accomettido desta enfermidade do espirito não raciocina, deixa-se arrastar, tem sentimentos vivos, e não ideias claras. Muitas vezes hum sonho lhe serve de demonstração: elle nada vê além, nem a cima do objecto, que o preoccupa; não ouve o que se lhe diz, não he accessivel, senão ao que imagina: elle pode aferrar-se fortemente assim á verdade, como á mentira: a sua cabeça vivamente abalada não deixa accesso nem ao exame, nem á discussão. Com razão pois se declama contra taes enthusiasmas; porque elles são incapazes de formar hum plano; o mal muitas vezes se lhes apresenta de baixo da sombra do bem, e quando fazem o bem, raramente o sabem fazer. Do cego enthusiasmo ao fanatismo há só hum passo: todavia há differença entre estas duas afficções. Se se não pode ser verdadeiramente fanatico sem ser enthusiasma, pode-se ser enthusiasma sem ser fanatico. O cego enthusiasmo não he, senão hum delirio; o fanatismo he huma paixão, hum frenezim. O cego enthusiasmo obscurece o juizo; e fanatismo muda o caracter, e deprava a vontade. O enthusiasma he exalta;

do; o fanatico he violento. O primeiro he accessivel á piedade; o segundo não o he, se não á colera, e ao odio: hum busca proselytos, o outro não quer, se não escravos, ou victimas. Não he impossivel tirar proveito das illusões do enthusiasma; mas forçoso he, que todos se armem contra os furores do fanatico.

A superstição he huma das principaes fontes do cego enthusiasmo, e do fanatismo: he consequencia da ignorancia, e dos prejuizos; mas o que a caracteriza he o achar-se unida a algum desses movimentos secretos, e confusos d'alma, ordinariamente produzidos por demasiada temidez, ou sobeja confiança, e que mais, ou menos vivamente interessão a consciencia, ou o coração em favor dos desvarios da imaginação, ou dos prejuizos do espirito. A superstição por tanto he huma crença cega, erronea, ou excessiva, que quasi unicamente provém do modo, por que somos impressionados, e que por qualquer sentimento de respeito, ou temor reduzimos a regra de proceder, e a principio de costumes.

Mas a superstição, o cego enthusiasmo, e o fanatismo não são partilha exclusiva das materias religiosas. Sob' este ponto bem podemos oppor os incredulos huns aos outros. O que não tem elles dicto em favor do culto pagão para tornar odioso o Christianismo! Elles apresentarão o primeiro como essencialmente tolerante, e sociavel, inimigo de toda a perseguição, e fanatismo, e o encaráo como huma instituição auxiliar das do Estado. Elles chegarão a dizer, que calunniamos os antigos povos, quando consideramos os seus deoses, e festas como superstições grosseiras, em vez de os ter por symbolos das Artes, e por uteis acorçoamentos aos trabalhos mais necessarios da sociedade. Aquelles d'entre os sophistas, que não poderão dissimular a exaggeração, e falsidade d'estes systemas,

e que segundo o proprio testemunho dos Philosophos d'antiguidade se crerão violentados a reconhecer, que o paganismo não era, senão hum montão de dogmas, de praticas ridiculas, e supersticiosas, fizeram-se atraz, e sustentárão, que pelo menos estas superstições não erã melancolicas, e perigosas, como as das nossas Religiões modernas, e que cultos, cujos apostolos, e pais erã poetas, tinhão hum caracter de alacridade, que adoçava os costumes da multidão, era favoravel ao engenho, e a todas as qualidades amaveis.

Só os cultos idolátras, podem achar acolhida entre os nossos incredulos; só a mesma superstição pode subtrahir-se aos reproches de superstição, e fanatismo, que se assacão contra tudo quanto he culto religioso. He verdade, que se citão contra os nossos cultos modernos todas as guerras de Religião, que nos ultimos seculos ensanguentárão a terra: mas a Religião não era antes pretexto, do que motivo de taes guerras? Não era por ventura a Politica, que acendia as tochas do fanatismo? Se faltassem ás paixões pretextos religiosos; não se ajudarião ellas d'outros pretextos? Dar-se-há caso, que a Religião seja o unico alimento das contestações, e das guerras? Se em hum seculo he ambicioso o fanatismo, em outro a ambição he, que se torna fanatica. E o amor da Patria, da Liberdade, a adhesão a huma forma de Governo antes do que a outra não tem sido principios terríveis de divisão, de odio, de comessão, e de desordem entre os diversos povos, e entre os cidadãos, que compõe o mesmo povo? Se eu quizesse referir (diz Montesquieu) todos os males, que tem feito ao mundo os systemas monarchico, democratico, ou aristocratico, diria cousas horrozas.

Qual he de mais d'isso o interesse temporal, que em mãos ainda mui re-

comendaveis se não possa tornar occasião de mil excessos, de innumeradas discordias nacionaes? Qual a opinião, que não possa vir a ser, e já não tenha sido o germen das mais calorosas rivalidades? Se em algum tempo abusou-se da Religião sem Philosophia, nos nossos dias tem-se abusado da Philosophia sem Religião. No sentir do celebre Pitt o que foi a guerra da passada Revolução Franceza, se não huma luta das opiniões armadas? E já houve em todo o mundo guerra de Religião, que causasse maiores desastres, que fizesse derramar mais sangue, que acarretasse crimes tão horrozosos? Desenganem-nos, que em qualquer materia os homens sempre almejarão, que prevaleça as suas ideias, e se firme o imperio das suas paixões. Nos dias luctuosos dessa Revolução sempre memoravel acaso o atheo, e o materialista não se assignatárão pelo mais furioso enthusiasmo, e pelo fanatismo mais desentreado? E á vista de factos tão recentes, e notorios poderá mais nunca a intolerancia philosophica accusar, e maldizer a intolerancia sacerdotal?

Eu quero o bem dos homens, diz o incredulo: mas os Padres perseguidores tambem o querião, e o algoz de D. Carlos declarava altamente, que se o estrangulava não era, senão por lhe fazer bem. A superstição (diz se) he o mais terrível flagello dos Estados. Pode ser, que sim: mas o que resta provar he, que toda a ideia religiosa seja superstição. O reproche mais comum, que se lança á Religião he o fazer viver por hum Deos incomprehensivel homens, que obrarião melhor em viver para a sociedade, o sujeitar estes homens a ritos, e praticas, que fazem deslembrar as virtudes, o avezar os espiritos á credulidade, e substituir á moral natural, e universal huma moral arbitraria, versatil, e caprichosa, que nunca pode ter hum caracter sufficiente de universalidade, e permanen-

cia. Mas parece-me; que todas estas objecções só se fundão em huma profunda ignorancia das cousas, e mais dos homens.

A Religião não prega hum Deos aos homens para lhes fazer esquecer a sociedade, se não para pôr esta sob a poderosa garantia do mesmo Deos. Se estabelece ritos, se ordena praticas, se promulga dogmas, e preceitos, he para recordar os deveres, para facilitar a sua observancia, e para ligar a moral a instituições capazes de a proteger eficazmente.

Hum dos erros favoritos dos Philosophantes he crer, que se pode governar homens com abstrações metaphysicas; ou com maximas, tiradas do frio calculo: mas para provar a falsidade desta opinião basta recorrer á experiencia de todos os seculos, a qual mostra, que para nos tornar bons, e virtuosos he mister alguma cousa mais, do que huma Philosophia especulativa. Por que existem governos? Porque as leis annuncião penas, e recompensas? He porque os homens não seguem unicamente a recta razão: he porque elles são naturalmente propensos a esperar, e a temer; e os Legisladores se convencião, que devião aproveitar esta disposição para os conduzir á felicidade geral. E como não será util á sociedade a Religião, que faz tão grandes promessas, e tão terriveis ameaças?

Bastão as leis, e a moral (diz o Philosophismo.) Mas as leis não dirigem mais, que certas acções: a Religião abraça todas. As leis só prendem o braço; a Religião regula o coração. As leis não são relativas; se não aos cidadãos; a Religião assenhorea-se do homem todo. A respeito da moral o que seria ella, se desterrada para a alta região das sciencias, não descesse d'ahi para fazer-se sensivel ao povo? A moral sem preceitos deixaria a razão sem regras: a moral sem dogmas não seria mais, do que huma justiça sem tribunaes.

Os philosophantes, que parecem confiar tanto na força das leis, sabem bem qual seja o principio d'esta força? Elle menos reside na bondade das mesmas leis, do que na sua auctoridade. A bondade só por si seria sempre mais, ou menos objecto de controversias. Não há duvida, que huma lei he mais bem accollida, e duradora, quando he boa; mas o seu principal merito está em ser lei, isto he; ser, não hum raciocinio, mas huma decisão, não huma simples these, mas um facto. Conseqüentemente huma moral religiosa, que se resolve em commando formal, tem necessariamente huma força, que nunca poderia ter nenhuma moral puramente philosophica. A multidão faz mais caso do que se lhe ordena, que do que se lhe prova. Os homens em geral carecem de mandamentos fixos, e mais precisão de maximas, ou sentenças praticas, do que de demonstrações.

Por isso nunca as leis humanas, nem a moral natural poderão suprir a Religião. Aquellas já foram mui acertadamente compradas á teia d'aranha, que os grandes despedaça, e de que se escapão os pequenos animaes. Por outra parte huma moral unicamente ensinada por philosophos, quasi nunca offereceria, se não questões escolasticas, e por isso pouco idonea para regular o geral dos homens, que mais hão mister ser governados, que convencidos.

(Continuar-se-á.)

VARIÉDADE.

Anecdota.

Certo jurado do mato, vendo; que o tribunal absolvía a torto, e a direito, dizendo-se sempre, que se não achava materia para accusação, exclamou em hum dos dias de sessão — Acabou-se a materia; e só ficarão os carnegões.

Pern.; na Typ. de M. L. de Faria.